

PALMARES: A UNIÃO DO DIVERSO

Olympio Serra

O sonho de liberdade, dignidade e coletividade de escravos do Brasil foi concretizado nos quilombos, e teve em Palmares uma representação marcante. A experiência é descrita pelo antropólogo Olympio Serra, que a resgata como utopia presente no Brasil de miséria e exclusão

No final do século XVI, um grupo de escravos negros foge de engenhos pernambucanos e se refugia nas matas circundantes aos canaviais.

A região já era conhecida como Palmares e compreendia uma expressiva porção de mata atlântica que se iniciava na parte superior do rio São Francisco e ia terminar sobre o sertão do Cabo de Santo Agostinho.

Durante uma quinta parte da história do Brasil, os quilombos aí reunidos sustentaram uma guerra ininterrupta contra dois dos melhores exércitos do mundo de então, as forças portuguesas e holandesas.

Destaca-se nessa luta o seu líder maior, Zumbi dos Palmares, cuja morte é comemorada neste ano de 1995, seu tricentenário.

A busca da condição humana.

Que ideais perseguiram esses negros e quantos indígenas, mulatos, cafusos, cabras, sararás, brancos, morenos, loiros, todos enfim que formaram o exército popular de Palmares?

Óbvio que buscavam o bem maior da liberdade.

Dito de outro modo, buscavam, antes de mais nada, a condição humana. Fugindo da escravidão, deixaram de ser coisas, objetos, moeda de troca.

Essa busca, em si mesma, já significava a quebra do suporte básico do escravismo. Só há escravismo, na verdade, se o escravizado negocia a sua sobrevivência física, aceitando, em contrapartida, o ser coisa.

Os palmarinos, porém, não reduziram sua busca a esse objetivo elementar.

Ao longo do tempo perseguiram uma humanização mais plena, fazendo uso de todas as suas potencialidades.

Os resultados são significativos.

Oposição concreta ao modelo econômico. Insurgidos contra o escravismo, os palmarinos haviam de criar uma oposição

concreta ao modelo econômico que os reduzia a coisas.

Em primeira instância, retomaram as práticas tradicionais dos seus grupos étnicos de origem, assegurando a todos, igualmente, o acesso ao solo e aos demais recursos da natureza.

A coletividade no uso da terra reproduziu-se na pluralidade do cultivo.

Assim, cercaram as áreas da monocultura mercantilista da cana-de-açúcar com uma cadeia de comunidades onde a diversidade de produtos

ESCRavidÃO E QUILOMBOS

O quilombo esteve presente em toda a história da escravidão no Brasil. Em cada região encontrava-se um quilombo, porque essa era a forma coletiva mais eficiente dos negros rebelarem-se contra o sistema escravocrático. Os escravos tiveram outras formas de resistência à escravidão: o assassinato dos senhores de engenho, feitores, capitães do mato, o suicídio, as fugas individuais, as guerrilhas, as insurreições urbanas e os abortos provocados pelas mulheres negras.

Zeze de Araújo

*Livres, barrigas
cheias, auto-estima
reencontrada,
os habitantes de
Palmares saltam
de criaturas
a criadores*

assegurava abundância e fartura, aumentando, ainda mais, os atrativos para a escravaria faminta dos canaviais e para todos os outros excluídos da ordem colonial.

Noutro gesto ponderável de autonomia, retomaram as técnicas metalúrgicas africanas, suprindo, dessa maneira, as suas necessidades de ferramentas e, em parte, de armas.

Livres, barrigas cheias, auto-estima reencontrada, os habitantes de Palmares, resgataram o mais humano das humanidades, saltando de criaturas a criadores.

A arte se esparrama no barro, nas fibras, na madeira, no metal, na(s) língua(s), na música.

Constroem uma ordem política interna, donde ressalta a representação horizontal, fundada em conselhos democraticamente eleitos, aos quais cabia a escolha e fiscalização dos chefes.

Vencer ou morrer. Sabe-se muito pouco sobre a organização social. Pode-se concluir, no entanto, por sua eficiência inclusiva.

Basta examinar a pluralidade do contingente.

Tanto eram distintos entre si



300 ANOS DE RESISTÊNCIA

A derrota de Palmares só foi possível quando as autoridades do Estado apelaram para o bandeirante paulista Domingos Jorge Velho, que armou uma expedição contra Palmares, em 1694. Após muita luta, Zumbi foi martirizado e morto no dia 20 de novembro de 1695. Para muitos, esta data é um dia a mais no calendário, porém, para os negros, está carregada de um sentido todo especial. Hoje, 300 anos depois, o 20 de novembro é um dia de denúncia, protesto e resistência. À resistência, que está no espírito de Zumbi e presente na esperança do nosso povo!!!

*Ei, Zumbi! seu povo não
esqueceu a luta,
que você deixou para prosseguir.
Ei, Zumbi! os novos Quilombos,
Com seus quilombolas, lutam pra
resistir.
Ei, Zumbi, Zumbi Ganga, meu rei.
Você não morreu, você está em
mim.*

Fonte: Agenda Latino-americana 96
— Pátria Grande e Pátria Mundial,
Editora Sem Fronteiras.

os de origem africana e ameríndia, quanto os europeus.

A coesão social obtida é excepcional. Traduz-se na decisão dramática que os orientou ao longo dos cem anos de lutas libertárias: vencer ou morrer.

Um dos fatos comoventes, dos muitos dessa epopéia, passou-se numa aldeia indígena, às margens do riacho Paratagi.

O mercenário Domingos Jorge Velho, na usual prática de engajamento compulsório de índios às milícias coloniais, a caminho da Serra da Barriga, tenta integrar à sua tropa os válidos de uma aldeia.

Duzentos homens índios disponíveis se negam, terminantemente, e são degolados ante suas mulheres e filhos.

Ao que se pode inferir, morreram pela só notícia de uma sociedade nascente, plural e, ao mesmo tempo, igualitária.

Não a vivenciaram.

Como ainda não a atingimos, nesta nação inconclusa, desbaratada desde Palmares...

Quem sabe, dia desses, os atuais herdeiros de Zumbi, de novo, a reúnam e a concluem.

Olympio Serra é antropólogo e trabalha na Fundação Palmares.